O QUIQUE da bola de basquete combinava perfeitamente com a minha impaciência incontrolável. Eu gostava da forma como aquele som pesado — *tum, tum* — parecia reverberar no meu coração.

Pelo visto, as cigarras não estavam acostumadas a acordar cedo, porque quase não se ouvia o canto delas ao amanhecer. Atravessei a cidade sentindo como se uma cortina de calor esmaecido estivesse colada sobre meus olhos. Só o quique da bola parecia ter força para rasgar o sopro do verão. Quando saí de casa, foi a única coisa que levei comigo — movido por algo que vinha ardendo no meu estômago muito antes das aulas acabarem. A umidade estava insuportável, mas pelo menos fiquei longe da intensidade do sol.

Alguns minutos depois de sair, comecei a me perguntar se meus pais iam brigar por eu ter saído sem avisar, e meu estômago se revirou. Mas eu não tinha energia para voltar só para falar com eles, muito menos para encará-los. Eu sabia que estava atolada na fase rebelde, mas isso me deixava ainda mais presa, e eu não conseguia abandonar essa sensação.

Depois de me afastar bastante de casa, atravessei uma ponte grande e longa. Bom, talvez não fosse tão grande, mas com certeza era alta. No fim da espiral de concreto, havia um banco sujo e uma quadra de basquete, nenhum dos quais alguém se dava ao trabalho de limpar. Driblando a bola contra o piso de ladrilhos hexagonais, olhei ao redor para ver se tinha mais alguém por ali. Nada. Tão cedo de manhã, o lugar ficava deserto — no máximo, passava uma pessoa com seu cachorro de vez em quando.

Aos poucos, me aproximei da cesta e, quando cheguei perto o bastante, arremessei casualmente. Com um barulho metálico, a bola bateu na borda do aro e caiu. Peguei a bola no primeiro quique, então mirei e fiz o segundo arremesso, dessa vez com o posicionamento certo. A cesta ali era um pouco diferente das da minha escola, então eu precisava fazer pequenos ajustes.

Os treinos de arremesso eram a única parte dos treinos que eu realmente fazia questão de manter. Por quê? Porque eram os mais divertidos. Eu costumava gostar de driblar, porque conseguia medir meu progresso, mas depois que meus colegas de time começaram a ficar irritados comigo por "segurar demais a bola", perdi o interesse. Mais precisamente, meu coração ainda acelerava toda vez que a bola batia no chão, mas eu tinha menos vontade de superar os outros. Assim, minha diversão com o basquete acabou ficando restrita aos treinos de arremesso.

O simples ato de arremessar a bola oferecia resultados imediatos. Suspeito que foi por esse motivo que continuei com isso por tanto tempo. Eu era uma garota que queria tudo ao alcance dos olhos e, por causa disso, me atormentava inutilmente com a incerteza nebulosa do meu próprio futuro. Irônico, não é? Uma menina que só conseguia enxergar um metro e meio à frente, mas que estava focada no horizonte distante.

Mas, mesmo sabendo que era exatamente essa contradição que me deixava tão angustiada, não havia nada que eu pudesse fazer. Eu era impotente diante da fonte do meu sofrimento. Não consegui evitar que meu círculo social diminuísse.

Eu pulava, arremessava, buscava a bola. Ao repetir esse ciclo entre bola e cesta incontáveis vezes, fui ficando cansada, mas, mais importante que isso, minha mente parou de divagar. Se eu tivesse que adivinhar, diria que era justamente em busca desse escapismo que eu gostava tanto de dormir.

Apesar de todos os meus treinos diligentes de arremesso, nunca tive a chance de marcar um ponto decisivo em todos os três anos do ensino fundamental II. Depois de uma briga com o técnico, fui colocada no banco — permanentemente. Mas não me arrependi muito. Pensando bem, foi a decisão certa. Afinal, eu simplesmente nunca desenvolvi o desejo de conquistar algo como parte de um time. E agora eu tinha uma habilidade que melhorava aos poucos… sem ter onde usá-la.

"Uou, entrou."

Foi nesse momento que, talvez graças a uma breve pausa no barulho da rua no instante exato, ouvi alguém murmurar. Congelei e me virei de repente — e lá estava ela, sentada no banco sujo como se tivesse surgido do nada: uma mulher claramente mais velha que eu, vestindo um quimono. Nossos olhos se encontraram.

Ela usava roupas que eu nunca via no meu dia a dia, e seus traços eram tão marcantes que minha visão pareceu sair dos trilhos por um instante. Mas ela não demonstrou nenhum sinal de alarme com o contato visual; apenas me ofereceu um gesto amistoso na forma de um sorriso.

Para deixar claro: ela era uma completa estranha. Seu jeito não se parecia em nada com o de qualquer pessoa que eu já tivesse cruzado na rua. Era como

olhar para uma escultura de gelo — talvez essa fosse a melhor maneira de descrever a sofisticação dela. Sendo direta: ela era uma garota da cidade num fim de mundo.

Mas o que exatamente essa mulher estava fazendo ali? Mesmo que ela só quisesse assistir, para ser sincera, eu me sentia extremamente desconfortável sendo observada. Também não havia nenhum motivo para puxar conversa com ela. Então fui buscar minha bola. Enquanto me abaixava para pegá-la, lancei um olhar casual por cima do ombro. Naturalmente, ela ainda estava lá.

Ela continuava me olhando, o sorriso inabalável no rosto. Constrangedor. Com certeza ela conseguia perceber pelo meu olhar que eu não queria a presença dela ali, mas parecia imune a isso — como se nem estivesse realmente me vendo. Aliás, como ela conseguia sentar naquele banco velho e sujo com um quimono daqueles sem nem pestanejar? A roupa parecia cara, e mesmo assim ela não demonstrava o menor cuidado com ela.

Parte do motivo de eu ter aparecido ali cedo de manhã era justamente para ficar sozinha. Sério, o que ela estava fazendo ali? Eu sentia o olhar dela cravado nas minhas costas, e nem todo o drible do mundo conseguia cortar o incômodo. Tentando — e falhando — em me concentrar, tentei mais um arremesso.

Mas, quando saltei, minha parte de cima e de baixo estavam completamente fora de sincronia, e eu soube antes mesmo de soltar a bola que não ia acertar. Ela escapou da minha mão sem força alguma e mal conseguiu bater no canto da tabela. Corri atrás dela enquanto rolava, então esfreguei a palma da mão na sua superfície, como se quisesse me distrair com a textura.

“Que legal.”

Quase pulei de susto. A voz estava tão próxima que parecia ter roçado no meu cabelo. Virei o corpo num reflexo e me deparei com a mulher de quimono bem atrás de mim. Intimidada pela diferença de altura, dei mais um passo para trás.

“Bom dia!”

“…Bom… dia…?” respondi, por via das dúvidas, no caso de ela ser alguém que eu tivesse esquecido que conheci. Mas eu tinha certeza que não era. Nem mesmo uma desmiolada como eu esqueceria alguém com aquela aparência — e não só por causa das roupas exóticas.

O cabelo castanho-claro caía até os ombros. Os lábios brilhantes cintilavam sobre uma pele tão pálida que eu nem ousava imaginar tocá-la, com medo de manchá-la. O sorriso gentil dela desintegrou meu olhar hostil no mesmo instante, e seu perfume era suave e discreto, talvez floral. Mas, acima de tudo, o que mais me atraía eram aqueles olhos de um verde-oliva claro — tão belos que pareciam prestes a me levar embora para um lugar distante.

“Você está no ensino fundamental II, certo?”

“…Tô…?”

Ela sorriu com a confirmação. À primeira vista, parecia tranquila, mas quando sorria, ficava claro o quanto estava se divertindo. “Terceiro ano?”

“…Qu—…? E quem é você, afinal?”

Eu estava sem o uniforme, que era basicamente nosso cartão de apresentação na juventude. A cada palpite certo, era como se ela puxasse um dos meus fios soltos, tentando me desfiar, e isso não era nada agradável.

“Ah, eu sou só uma estudante universitária.”

“…Tá.” Com aquelas roupas e aqueles olhos, eu já sabia que ela não era “só” nada. Eu sentia isso ao esticar o pescoço para olhar para ela, tão alta e adulta.

“Acordou cedo pra treinar basquete? Vejo que alguém começou o dia com o pé direito.”

“É…”

Ainda não tinha resposta para a pergunta mais urgente: por que ela estava falando comigo? Quando ela estendeu a mão, hesitei por um momento, depois coloquei minha bola de basquete na palma dela. Uma beldade dessas… jogando basquete… de quimono. *Não, espera — beleza não tem nada a ver com isso.* Quem, em sã consciência, usaria roupa formal japonesa numa cidadezinha caipira como a nossa? Será que ela era da família que morava naquela mansão chique?

“Nem lembro a última vez que toquei numa bola de basquete.”

Como se me imitasse, ela deu alguns quiques desajeitados com a bola, depois se posicionou. Quando levantou os braços, fiquei olhando distraída enquanto as mangas do quimono subiam até os cotovelos, revelando os bíceps.

“Imagina que você tá num encontro e vê uma bola largada numa quadra. Aí você pega… e faz uma cesta de três pontos no meio da conversa, como se não fosse nada.”

“O quê?”

Ela lançou a bola em linha reta; ela acertou a tabela com força e voltou quicando. Rapidamente, ela se agachou e pegou a bola bem na frente do rosto. Então, sem mexer um músculo, sorriu. “Não seria incrível?”

“…Se você tava tentando ser estilosa agora, falhou.”

Sinceramente, se essa mulher queria atenção, era só sair andando pela cidade com a bola na mão. Até o menor gesto dela parecia dar forma a algo que valia a pena assistir, e num mundo raso como o nosso, suspeito que ela conseguiria o que quisesse só por ser bonita.

“Haaah…”

“O que foi esse suspiro?” *E por que você está olhando para mim?*

“Ah, só estou lamentando o fato de que amizade é o máximo que posso oferecer a uma aluna do fundamental.”

“…Como assim…?”

“Mas ó, amizade não é nada mal, né?” Ela me lançou a bola de volta e, com as mãos agora livres, as abriu amplamente como o sorriso que trazia no rosto. “Na próxima vez que a gente se encontrar, quero que você me ensine a jogar basquete, pra eu poder ser descolada.”

Ela me deu um aceno modesto — um gesto maduro, mas surpreendentemente adorável ao mesmo tempo — e, curiosamente, meu primeiro pensamento foi: *eu não sabia que dava para ser as duas coisas ao mesmo tempo.* Dito isso, ela saiu andando com passos leves e postura impecável, como se nem sentisse o calor abafado do verão. Atordoada, fiquei olhando enquanto ela se afastava.

Bom, isso foi… esquisito. Era para eu ter parado ela…? Não, deve estar tudo bem… certo? Mas quem é ela, afinal?

Pensando logicamente, não ia existir uma “próxima vez”. Eu não vinha aqui todo dia, nem sempre no mesmo horário. Mesmo que ela ficasse rondando o lugar, eu podia simplesmente decidir nunca mais voltar. Sem pelo menos uma de nós fazendo algum esforço consciente, não haveria uma segunda coincidência. E ainda assim, ela deixou uma impressão tão marcante que comecei a desconfiar que isso realmente pudesse acontecer.

Não falamos por muito tempo, mas as palavras dela me acertaram em cheio. E além da beleza, aquele perfume floral parecia brincar com meu cérebro, preenchendo minha cabeça com pétalas imaginárias. Lancei um olhar para o banco vazio. Será que ela vai voltar?

As roupas, os olhos, o sorriso — ela era feita de tesouros que eu nunca teria.

***

Quando cheguei à quadra de basquete na manhã seguinte, bem cedo, uma certa pessoa já tinha chegado antes de mim. Quase como se nós duas tivéssemos desejado essa “próxima vez”.

Não eu, rosnei mentalmente para mim mesma. Eu só acordei mais cedo que o normal, e o resto da casa ainda estava dormindo, e eu não queria acordar ninguém fazendo barulho, então saí com minha bola de basquete e resolvi procurar um lugar para usá-la. Pelo segundo dia seguido.

“Oh…”

Quando ela se virou, e eu encarei aquele sorriso revigorante, foi como se o calor escaldante do verão piscasse e sumisse por um instante. Ela era uma pessoa “fria” em vários sentidos — leve, talvez. Ou simplesmente cheia de buracos.

E então, a mulher de quimono — cujo nome eu ainda não sabia — veio caminhando com uma bola de basquete própria nas mãos. “Olha só! Comprei ontem!”

“Não pedi pra fazer isso.” Ela era tão agressivamente simpática que me deixava na defensiva.

“Vai ser um baita exercício do cotovelo pra cima!”

E o resto? pensei, percorrendo o corpo dela com os olhos, dos pés aos ombros. *Ah. Deixa para lá.* “Bem que você podia treinar com outra roupa, sabia?”

“Infelizmente, não posso fazer nada quanto a isso. Circunstâncias fora do meu controle,” explicou, beliscando a manga do quimono. “Tenho a obrigação de vir aqui vestida assim. Não que eu me importe com roupas formais, mas… eu preferiria algo com menos camadas, tipo um *yukata*.”

“Ah.”

“Enfim, bom dia,” continuou ela, calorosa, aparentemente sem se incomodar com meu desinteresse.

“…Bom dia.”

Outros adultos — como meus professores ou estranhos na rua — pareciam tão… sabe… distantes, como prédios no horizonte. Eles já estavam ali muito antes de mim, então faziam parte da paisagem, como… um elemento fixo, sei lá? Não sei explicar direito. Mas, basicamente, estavam fora do meu alcance.

Mas ela? Ela estava só um passo à frente… tipo uma vizinha, de certa forma. Uma adulta que ainda parecia real — como uma evolução natural das veteranas do time de basquete.

“Então, me ensina a fazer cesta.”

Sorrindo radiante, ela ergueu a bola como se fosse um troféu. Alternava entre adulta e criança com tanta facilidade que era impossível não ficar hipnotizada. Eu não sabia dizer se ela era só muito expressiva ou totalmente instável emocionalmente.

“Não sei se tenho muito o que ensinar. Eu só… jogo a bola.”

“Tudo bem, então acho que vou começar te observando jogar.”

Ela recuou com graça, fazendo um gesto para que eu tomasse o centro do palco. Eu nunca tinha concordado em ensinar nada, e mesmo assim me vi caminhando para frente, olhando para a cesta. Só que, quanto mais eu dizia a mim mesma para jogar como sempre, mais isso escapava de mim. Lutando contra a vontade de gritar de frustração, saltei no ar e fiz o arremesso.

Antes que meus braços duros conseguissem se esticar por completo, a bola já tinha saído da minha mão, errando a cesta e batendo na tabela — como era de se esperar. *Ótimo, ainda tenho que buscar essa droga?* resmunguei por dentro enquanto corria atrás dela.

“Pelo visto, o segredo é manter os cotovelos altos e os pés na largura dos ombros.”

Era isso que ela estava observando? Por algum motivo, imaginar o olhar dela me deixava desconfortável. Quando voltei com a bola, ela me recebeu com um sorriso, já segurando a dela, pronta para tentar.

“Mais alguma dica que eu deva saber, *sensei*?”

Esse “título” me deu uma cócega no lado do corpo, e esfreguei o local com a base da mão. “A única outra coisa que me vem à cabeça é… tentar visualizar uma barra de metal descendo bem no centro do corpo. Isso facilita o salto. Pelo menos pra mim.”

A ideia era manter essa barra reta na hora de pular. Qualquer desvio e você perdia força nos braços — tipo o que aconteceu comigo agora há pouco.

“Entendido, *sensei*.”

“Eu não sou sua *sensei*.”

“Entendido, aluna do fundamental!”

Tive a impressão de que você estava bem ansiosa para fazer essa troca.

A Moça do Quimono alargou a postura, revelando suas sandálias *zōri* — o calçado menos atlético do mundo. Mas, com a bola de basquete em mãos, ao menos ela parecia estilosa. Me vi hipnotizada pelos cotovelos de porcelana que apareciam quando as mangas caíam. Mesmo sem tocar, a pele dela parecia lisa e levemente fria.

Então aqueles cotovelos se dobraram formando um ângulo, e a bola foi arremessada.

A trajetória tinha melhorado desde o dia anterior, mas a bola ainda bateu na frente do aro e quicou para fora com um barulho de *clang*. Enquanto o cabelo e as mangas dela esvoaçavam no ar, aquele perfume floral me atingiu em cheio, quase me fazendo engasgar.

“Acertou no aro!” ela exclamou.

“É, acertou sim,” respondi, meio sem jeito, dominada pela alegria contagiante dela.

Ela correu, balançando os braços, para buscar a bola — tão agitada, tão cheia de energia, que me pegou de surpresa. Quando a recuperou, levou até o banco e a colocou ali como se tivesse marcado um *try* no rúgbi. Com as pernas bem abertas, se jogou ao lado da bola.

“Que tal a gente conversar um pouco?”

“Conversar… sobre o quê?”

“Se você não tiver nenhuma ideia, eu penso em alguma coisa.”

Sou tão legal, ela articulou com os lábios, brincando consigo mesma. Com esse convite, me aproximei dela segurando minha bola, mas não queria sentar naquele banco nojento, então fiquei andando em voltas devagar, orbitando ela como uma lua.

“Ok, então deixa eu perguntar: por que você veio puxar assunto comigo?”

“Hm? Quando eu falo com uma garota, raramente tenho um motivo que não seja... digamos, secundário,” declarou com pompa, arrastando a ponta da sandália no chão.

“Motivo... secundário...?”

“Mas você não tem nenhum motivo oculto. É a inocência em pessoa.”

“Uhhh... ou essa conversa é idiota demais pra mim, ou *eu* que sou idiota demais pra essa conversa.” Eu genuinamente não sabia. Enquanto isso, a Moça do Quimono se deliciava com minha confusão como se fosse a sobremesa preferida dela.

"Bem, a questão sobre mim é: eu amo garotas do ensino médio. Prazer em conhecê-la."

Ela colocou a mão no peito e se apresentou no mesmo tom que alguém usaria para oferecer um cartão de visita. O único aspecto que não era profissional era a escolha das palavras.

"Você ama garotas do ensino médio?" repeti.

"Sim, e não tenho absolutamente nenhum interesse em ninguém mais jovem. É como eu sou, e isso não vai mudar tão cedo."

Por que ela estava agindo com tanto orgulho a respeito disso? Uma beleza deslumbrante... que amava garotas adolescentes... que usava um quimono... que tinha um perfume floral... cuja voz era suave... cujo tudo era suave... Havia tanta coisa acontecendo com ela que eu não conseguia acompanhar.

"Há algo especial nas garotas do ensino médio. Você vai entender o que quero dizer quando chegar lá no próximo ano."

"Não, acho que não vou..."

Quanto ao que exatamente ela queria dizer com amar garotas do ensino médio, eu podia arriscar um palpite, mas não conseguia me identificar. Será que minhas colegas de repente pareceriam "mágicas" para mim no momento em que eu pisasse naquele campus? Pouco provável.

De fato, eu era o tipo de menina que se empenhava em entender o que ainda não sabia. Mas, nesse caso, eu não ousava pedir que ela esclarecesse, para não cometer algum erro. Aliás, isso era realmente algo que ela deveria estar anunciando aos quatro ventos? Será que ela não tinha noção do senso comum?

"Uhhh, tá, então isso é... seu tipo, suponho...?"

Eu não tinha ideia de como colocar em palavras. À primeira vista, "amar garotas do ensino médio" tinha conotações perigosas. Ou será que eu estava sendo apenas mente fechada? Não estava tentando julgá-la... mas, pensando bem, talvez eu tivesse razão.

"Exatamente! Garotas do ensino médio são minha área de especialização."

"Hm." Pelo visto, havia um campo inteiro. Meu cérebro estava mais do que feliz em registrar essa nova informação que, muito provavelmente, eu nunca usaria pelo resto da minha vida.

"Mas, fora isso, há algo em conversar com garotas que me faz sentir completa, sabe?"

Ela olhou para mim em busca de confirmação, mas eu não sabia o que devia responder àquilo, e meu olhar se desviou. Se ao menos cada pessoa viesse com uma cesta de basquete. Talvez assim eu não tivesse tanta dificuldade para tentar marcar pontos e acabasse inevitavelmente caindo no chão, derrotada.

“Você é uma garota fofa. Tenho certeza de que vai atrair muita gente e atenção nos próximos anos. Quem sabe uma dessas pessoas não seja eu! Mas sua vida vai ficar muito mais fácil quando você descobrir como absorver os nutrientes que precisa delas. Nesse sentido, eu não me limito estritamente a garotas do ensino médio.”

Tudo o que eu sabia com certeza era que ela realmente não deveria ter dito aquela última parte com os olhos brilhando de forma sonhadora. Mais importante ainda — ela simplesmente me chamou de fofa assim, de leve. Essa foi a facada mais profunda. Eu quase pude sentir uma brisa fantasma na minha bochecha, e aquilo me deixou inquieta.

“Daqui, a cesta parece tão lá no alto, não é? Tão longe…”

Ela levou a mão à testa, protegendo os olhos do sol. Eu segui seu olhar, levemente surpresa ao descobrir que alguém mais alta do que eu sentia o mesmo.

“Mas sabe, é isso que torna essa ambição algo que vale a pena perseguir. Então, vamos lá!”

Ela se levantou do banco e pegou sua bola. Então se virou — não para a cesta, mas para a cidade — e percebi que ela estava indo embora. *Já?* Pensei, seguido de uma confusão comigo mesma que me deixou sem palavras. De onde tinha vindo aquilo?

Enquanto isso, a Moça do Quimono cruzou os braços com um sorriso e um olhar de lado, como se pudesse me enxergar completamente. “Só fico feliz de ter te visto.”

“Hã…? O quê?”

“Exatamente a reação que eu esperava.” Eu podia ver que ela sorria, mas não conseguia imaginar como meu rosto devia estar. “Vou treinar sozinha, então vamos fazer uma competição em breve.”

“Uma competição?” repeti.

“Como é que chama mesmo? Lances livres? Algo assim. Nos vemos de novo.”

Ela não perdeu muito tempo para se despedir. Atordoada pelo som surdo da bola quicando, fiquei ali parada, atordoada, vendo ela se afastar alegremente.

Se você me dissesse que tudo aquilo era um sonho, eu teria acreditado. Cada centímetro dela parecia tão de outro mundo.

“…De novo…?”

Uma parte de mim estava cética, mas era difícil negar o fato de que aquilo já tinha acontecido duas vezes. Se eu aparecesse aqui amanhã, conseguiria vê-la novamente? Ela era tão gentil — até mesmo com uma completa estranha. Que emoções moldavam aquela gentileza? Uma parte de mim queria investigar a origem, mas tinha medo de que o abismo olhasse de volta para mim. Curiosidade e medo passavam a bola por cima da minha cabeça.

Eu podia sentir algo crescendo nas articulações dos meus dedos, e não gostei disso.

***

No dia seguinte, acordei tarde pela manhã. Olhei para o relógio ao lado do travesseiro, me virei… e então me levantei de uma vez só. Para a maioria das pessoas, eu teria acordado em um horário normal. Mas minha mente estava completamente desperta, como se eu nunca tivesse chegado a dormir — o que era meio assustador.

Que motivo eu teria para entrar em pânico?

Olhando para a luz forte que entrava pelas cortinas, concluí que ela provavelmente não estaria lá se eu saísse agora — e logo em seguida, fui tomada por uma sensação surpreendentemente intensa de culpa, ou talvez inquietação. Me amaldiçoando, abracei meus braços contra o peito e me encolhi em uma bola.

Eu sei o que vai acontecer se eu me acostumar.

Eu podia ver isso. Eu podia lembrar. Fechei os olhos.

A partir de amanhã, eu vou desistir.

***

“Eu disse que ia desistir, mas aqui estou, completamente acordada.”

Todo verão no ensino fundamental eu dormia feliz até minha mãe vir me acordar — mas agora que eu estava no ensino médio, o calor parecia me assar viva. Não era à toa que eu estava sempre tão sensível. Minha pele estava queimada.

Como para compensar a falha de ontem, despertei de um sono leve no exato fim de uma noite silenciosa, como se minha consciência estivesse numa corrida para vencer o amanhecer. *Não faça isso*, eu disse para mim mesma, pressionando a mão na cabeça. *Eu disse que ia desistir, lembra?* Joguei meu corpo de volta no *futon* e fechei os olhos, decidida a dormir até o canto das cigarras. Mas meus olhos estavam pesados atrás das pálpebras, exigindo ser libertados com uma insistência um pouco diferente da simples vigília.

Ela era uma estranha que eu tinha encontrado apenas duas vezes — o tipo de mulher adulta que, eu suspeitava, permaneceria um mistério por mais conversas que tivéssemos. E não era só o quimono. O cheiro dela parecia subir pelo meu nariz e preencher meu cérebro.

Uma parte de mim resistia à ideia de ir vê-la todos os dias. Mas contra o quê exatamente eu estava tão avessa? Havia uma sensação distinta de desprezo que eu simplesmente não conseguia identificar. Eu passei a superfície várias vezes, tentando adivinhar às cegas, mas tudo que ganhei foi frustração. Eu estava sofrendo tanto que meu corpo ameaçava suar. Sem alívio, cocei a cabeça com os olhos fechados. Cada fio seco de cabelo era como um fio de piano, cortando minhas pontas dos dedos.

Normalmente, minha mente ficava presa em coisas bem diferentes, mais deprimentes, mas agora eu me pegava pensando sem parar naquela mulher do quimono. *Argh*. As emoções lambiam o interior das minhas bochechas de novo, e isso deixou um gosto amargo na minha boca. Junte a isso a umidade do começo da manhã, e eu estava afogando numa angústia para a qual provavelmente só existia uma saída: ir vê-la. Só um pouquinho, para aliviar um pouco.

Deus, eu pareço uma viciada em droga, pensei, rindo baixinho. Meus olhos se abriram um pouco… e no instante seguinte, quase pulei de susto. No *futon* ao lado do meu, minha irmãzinha me encarava, completamente acordada.

“Hã…? Ah, te acordei?”

Agora que ela estava na escola primária, tinha começado a dormir num *futon* separado… na maior parte do tempo. De vez em quando, ela se enroscava debaixo do meu cobertor. Mas naquela noite não tinha feito isso; em compensação, aqueles olhinhos dela estavam cravados em mim.

“Oneechan, você vai sair?”

“Hã?”

“Você sempre sai de manhã.”

Fiquei um pouco surpresa que ela tivesse reparado. “Ah, eu só… dou uma caminhada, só isso.”

“Então eu quero ir com você.”

“O quê?”

“Eu vou também!”

“Escuta—”

“O que tem de errado? Passa um tempo com ela, vai, só dessa vez.”

A voz repentina no corredor escuro quase fez meu coração parar. Então a porta se abriu, revelando minha mãe ali, de braços cruzados.

“Eu estava saindo do banheiro quando ouvi vozes, então pensei em escutar um pouco.”

“Puxa, obrigada...”

“Então, para onde exatamente minha querida filha tem ido tão cedo pela manhã? É um homem? Um encontro com um *namoooorado*?”

“Não seja boba.” Virei de costas e fechei os olhos para impedir que eles revirassem.

“Você estava prestes a revirar os olhos para mim, mocinha?”

“Cala a boca.”

“Hmph. Todo mundo lê direitinho você, sabia.” Ela riu como se nem fosse nada — mas o que mais me irritou foi a forma como ela cutucava minha barriga. “Poxa! Você costumava ser uma criança tão fofa, e agora olha só você.”

“Ah, entendi. Então eu não sou mais fofa?”

“Não! Essa carinha aí é feia demais.”

Foi tão direta e sincera que fiquei sem palavras. O sangue no meu rosto subiu e desceu feito maré, e a mudança de temperatura me fez arrepiar.

“Uau, mas você até fica meio fofa quando está brava.”

As veias nos meus pulsos ferviam e espumavam até os dedos tremularem. “Cala essa boca,” resmunguei, segurando um palavrão.

Eu realmente lutava para reprimir o impulso de explodir. Manter a calma me drenava tanta energia que parecia que ia desmaiar ali mesmo. O mundo inteiro era tão irritante, eu queria gritar, arranhar meu rosto e gritar ainda mais. A única razão para não fazer isso era porque minha irmãzinha estava ali do meu lado.

Com o fogo ainda queimando no meu peito, ignorei minha mãe e fui para a porta da frente. Eu não queria sair, mas era melhor do que ficar em casa. Minha irmãzinha me seguiu cambaleando, e eu não tinha energia para convencê-la a não vir, então peguei os sapatos dela do armário junto com os meus.

“Boa viagem!”

“…Khh…” Tudo o que saiu dos meus lábios foi uma palavra pequena e quase não formada, como um restinho de repolho.

Com minha irmãzinha ao meu lado, saí para uma cidade silenciosa que ainda não havia despertado. De vez em quando, sentia a mão dela se mexer na minha, fazendo cócegas na minha palma.

“Vai ser uma longa caminhada, só pra você saber.”

“Eu gosto de caminhar.”

“…Tá bom.” O fato de eu ter tido bom senso para não explodir com ela era, eu esperava, prova de que eu era uma boa irmã.

E assim caminhamos pelo mesmo caminho que eu sempre fazia, só que muito mais devagar. Quando minha palma começou a suar contra a dela, chegamos à ponte espiral — e eu reuni coragem para atravessar outro tipo de ponte, caso uma certa pessoa estivesse lá.

Lá embaixo, envoltos nos últimos vestígios da sombra da noite, a quadra de basquete e o banco... estavam vazios. O que eu sentia dentro do peito transbordou, e agora eu não sabia onde colocar aquela caixa vazia.

“Então você tava jogando basquete!”

Levei ela até a cesta, onde ela pulava para tentar alcançar. O rabo de cavalo dela balançava com os movimentos, e senti minha raiva endurecida começar a se desfazer na superfície. Que tipo de jogo poderíamos jogar só nós duas e uma bola de basquete? Nem eu era tão egoísta a ponto de querer vencer minha irmãzinha numa competição séria.

“…Hmm.” Eu a levantei no ar.

“Wheeeee!”

Quando ela chegou na altura certa, coloquei a bola nas suas mãozinhas. “Você consegue quicar a bola?”

“Ooh, tá!”

A meu comando, ela jogou a bola no chão, e quando ela quicou de volta, eu a guiei para as mãos dela de novo. Cada vez que ela batia na bola, subia muito mais alto do que eu esperava, e percebi que tinha subestimado a força dela. Então fomos atrás da bola enquanto eu a ajudava a quicar.

O peso nos meus braços reforçava o que eu via naquelas quicadas: ela estava crescendo. No começo, eu carregava ela por toda a quadra, mas com o tempo comecei a ficar sem fôlego. Como não tinha ninguém por perto, ofeguei sem me segurar — até que, de repente, senti um olhar durante nosso jogo. Olhei por cima do ombro, ignorando o suor que escorria da minha testa para os cantos dos olhos, e vi a Moça do Kimono sentada no banco, sorrindo alegremente como antes.

“Quando você chegou aqui...?”

“Agora pouco.”

Ela se levantou e se aproximou. Nos meus braços, minha irmãzinha se segurava em mim com cautela. Os passos, um pouco diferentes do som de sapatos, vieram direto até nós.

“Bom dia. Essa é sua... irmã?” A Moça do Quimono sorriu para ela enquanto a menina encolhia-se timidamente. “Com a idade certa para estar na fase máxima de fofura, pelo que vejo.”

“Oneechan, quem é ela?” minha irmã perguntou com uma vozinha baixinha.

Infelizmente, eu mesma não tinha resposta para aquilo. “Ela é... minha amiga,” respondi, escolhendo uma mentira simples em vez da verdade complicada.

“Sua irmã mais velha está me ensinando a jogar basquete,” disse a Moça do Quimono, agachando para ficar no nível dos olhos da minha irmã. “Não tenho doce pra você, mas pode ficar com isso se quiser.” Ela puxou uma bolsinha da manga do quimono e estendeu.

“O que é isso?”

“Feijão-mungo. Eu dou pros pombos.”

“...Isso é tudo que você tem mesmo?”

“Ha ha ha ha!” Foi uma risada alegre, o som ecoando lá no alto.

“Mas não tem pombos aqui...” Minha irmã olhou ao redor da quadra.

“Se você escolher alimentá-los, eles vão voltar. Não é uma decisão para se tomar levianamente.”

Então por que você deu a ela o saquinho? Ela apertava a bolsinha com as mãozinhas, parecendo confusa.

“Veja, sempre que não tem pombos por perto, eu faço isso.”

Ela desamarrou as cordas da bolsinha, pegou um feijão seco e colocou na boca. Um estalo gostoso soou atrás dos lábios dela. Minha irmã olhou surpresa, com os olhos arregalados, e fez o mesmo, colocando um feijão na boca.

“Ei, ei, não coma isso!”

“Fica tranquila. Isso não vai fazer mal.” A Moça do Quimono, ou melhor, a Moça dos Pombos, engoliu seu feijão sem nem pestanejar.

Enquanto isso, minha irmã começou mastigando com vontade, mas aos poucos começou a fazer careta. “Não tem gosto de nada!”

“É, né?” A Moça do Quimono sorriu encantada, pegou um segundo feijão e o colocou na boca. “Quer um?” ofereceu para mim, a única que não estava comendo.

“Não, obrigada.”

“Beleza.” Ela assentiu de um jeito tão automático que era óbvio que teria respondido assim não importasse o que eu dissesse.

“Algo cheira a flores.” Enquanto minha irmã mexia o narizinho fofo, a Moça do Quimono se inclinou para perto; os ombros da minha irmã se encolheram assustados, mas então ela identificou a fonte do cheiro. “Moça das flores!” ela exclamou, apontando para a mulher mais velha.

“Ah, eu gostei,” a Moça do Quimono brilhou, parecendo realmente feliz. “Gostaria de ter uma flor pra essa ocasião, mas isso é tudo o que tenho...”

“Você tem mais?!”

Quando ela tirou uma segunda bolsinha de feijões, um sorriso bobo se espalhou no rosto da minha irmã. Evidentemente, a brincadeira tinha feito efeito. “Senhora dos feijões!”

“Hmmm... Acho que prefiro moça das flores’. Podemos voltar a usar esse nome?” A Moça do Quimono juntou as mãos, implorando para minha irmã, que ainda sorria de orelha a orelha. Eu nunca imaginei que alguém pudesse quebrar o gelo com ela — especialmente tão rápido. Talvez fosse a criança interior que ela deixava transparecer por trás da aparência elegante.

Bem, já que ela está aqui, acho que posso perguntar.

“Ei, você poderia cuidar da minha irmã por um tempo?” Meus braços estavam cansados, e eu não conseguiria treinar se ficasse segurando ela o tempo todo. Mas, ao ouvir isso, o tom da Moça do Quimono ficou sério.

“De jeito nenhum! O que você está pensando?” Ela colocou uma mão repreensora no quadril. “Você não pode confiar sua irmãzinha pra alguém que acabou de conhecer, não importa o quão legal essa pessoa pareça ser.”

“Rrgh...”

O argumento dela ficou ainda mais forte quando ela rapidamente voltou à persona polida a que eu estava acostumada. “Escute — você não deve confiar nas pessoas tão facilmente. Se você realmente se importa com sua irmã, deve mantê-la por perto e protegê-la você mesma. O problema com predadores é que eles disfarçam sua verdadeira natureza perto da presa.”

“...Você está dizendo que é uma predadora?”

“Hmmm...” O olhar dela se perdeu enquanto ela lutava com o que parecia ser uma pergunta difícil. “Bem, todos nós temos nossos momentos, não é?”

“A maioria das pessoas não tem! Nunca!” Sem querer sugerir que essa mulher fosse parecida com a maioria.

“Chega de falar de mim! O que eu quero dizer é que você não deve subestimar sua irmã... Mas não que eu vá seguir esse conselho algum dia.”

“Você tem uma irmã?”

“Talvez sim, talvez não.”

Com um gesto despreocupado de cabeça, os olhos dela se fixaram no céu, e seus lábios se curvaram num sorriso em forma de lua crescente. O que era aquilo? Mesmo assim, ela tinha um ponto, e estranhamente, não me deu vontade de discutir — talvez porque não parecia que ela estava me atacando. Mas sem espinhos à mostra, eu não conseguia entender muito mais.

“Digamos que, se eu tivesse uma, hoje eu estaria mais inclinada a valorizá-la. Tudo graças a você.”

“O quê?” *Mas eu não fiz nada.*

“Ver você cuidar tão bem da sua mudou minha opinião.”

Olhei para a menina nos meus braços. Sim, eu supunha que parecia mesmo que eu cuidava bem dela; meu coração não era tão complexo a ponto de fingir que não via isso por mim mesma. Pelo contrário, tudo em mim era dolorosamente direto.

“Pois é. Agora seja uma boa menina e brinque com sua irmã.” Sorrindo suavemente, a Moça do Quimono se abaixou para olhar nos olhos da garota em questão. “Você quer brincar com sua oneechan, não quer?”

“...Quero...”

Com essa confirmação, a Moça do Quimono sorriu para mim, mostrando seus dentes brancos como pérolas. “Dito isso, eu ficaria entediada só sentada no banco sozinha, então estou disposta a fazer um acordo!”

“Como?”

“Me juntando a vocês, é claro!”

Ela e minha irmã deram um animado toque de mãos. Minha irmã, a criatura mais tímida conhecida pelo homem, estava se divertindo num meio social? Isso só me fez ficar mais na defensiva.

Essa mulher parecia ter um talento especial para se infiltrar no coração das pessoas. Através da arte da distração, ela atacava no momento em que suas defesas estavam baixas. Provavelmente era uma combinação de vários fatores trabalhando juntos: sua beleza, seu sorriso, seu tom de voz, a escolha das palavras. E eu suspeitava que ela podia controlar seu nível de ameaça à vontade.

“Agora, do que vamos brincar? Como se espera de uma senhora de quimono à moda antiga, eu sou muito boa no jogo da bugalha. Mas não trouxe nenhum comigo hoje.”

“O que é isso?”

“Oh, meu Deus, ela não sabe... Eu me sinto tão velha...”

Ela estendeu a mão na minha direção, me incentivando; olhei para a palma dela por um momento, então entreguei a bola de basquete. Evidentemente, ela não tinha trazido a dela hoje. Ela se agachou e começou a quicar a bola em alta velocidade, sorrindo para minha irmã como se estivesse se exibindo. Se isso fosse realmente o jogo da bugalha, ela teria perdido no primeiro quique.

Atraída pela risadinha convencida da mulher, minha irmã estendeu a mão para pegar a bola. A Moça do Quimono a entregou, depois me deu um tapinha no ombro. “Ensine ela a jogar, Oneechan.” Acenando com a mão direita toda machucada, ela se afastou como se estivesse passando o bastão.

“Oneechan!” minha irmã gritou. Quando criança, eu sempre corria direto para ela quando ela me chamava assim. Naquele tempo, eu só ficava feliz de ser a irmã mais velha.

“…Então, você quica a bola assim… Vamos devagar no começo…”

Observei de uma curta distância enquanto ela praticava quicar a bola, exatamente como eu havia ensinado. Ao meu lado, sol e sombra se estendiam pelo chão — o contorno tênue de uma mulher com um sorriso alegre — e eu fui facilmente envolvida. Enquanto eu olhava para a origem daquela silhueta, ela me chamou gentilmente: “Siiiiim?”

“…Eu estava só pensando em como você é alta.” *E olhando para suas pernas.*

“Oh, sim, acho que sou. Mas você está só no ensino fundamental II, então ainda está crescendo.”

“Não que eu tenha muito tempo antes de entrar no ensino médio.”

“E isso é uma coisa boa.”

“O quê?”

“Ah, nada! Ha ha ha!” Ela nem tentou disfarçar o comentário. “Sendo do último ano, você já se aposentou do time, certo?”

“É.” Eu ainda não tinha ideia de como ela adivinhou em que ano eu estava.

“E como foi seu torneio final? Teve algum fechamento?”

De repente, ela fazia perguntas como um parente antigo, e eu não sabia como reagir. *Como se fosse mesmo*, pensei, desviando o olhar. “Fiquei no banco o tempo todo, então… tanto faz.”

“Hmmm… Sim, talvez você não seja o tipo de aluna que os técnicos costumam gostar.”

Eu tinha escondido essa parte de propósito, mas ela viu através de mim mesmo assim. Tive que imaginar se ela só perguntou sobre meu time de basquete para chegar a esse assunto. “Meu treinador não tem nada a ver com isso.”

“Ah, duvido muito disso.”

“Se eu fosse talentosa, eles teriam me colocado pra jogar. Ponto final.”

Em resposta à minha opinião, os olhos dela brilharam enquanto sorria, como se tudo aquilo fosse apenas um jogo para ela. “Você é tão jovem, isso é na verdade bem promissor.”

“Você acha isso engraçado?”

“Eu acho admirável, só isso.” No momento em que mostrei o menor sinal de hostilidade, ela tirou o ferrão mudando de assunto. “Você já viu talento com seus próprios olhos? Seu ou de outra pessoa?”

“…Não sei.” E talvez isso fosse prova de que eu não tinha nenhum. “O que é talento, afinal?” perguntei de volta. Ela era tão alta que meu pescoço doía só de olhar para ela.

“Pra mim, ter talento significa conseguir fazer coisas que nunca te ensinaram,” respondeu sem hesitar, acenando para minha irmã que começava a pegar o jeito do drible. “Conheci muitas pessoas na vida, e essa é a conclusão a que cheguei. É difícil explicar, mas... algumas pessoas chegam a este mundo já tendo todas as respostas.”

“Hã...”

Ela também não parecia ter inveja disso; um instante depois, elevou a voz para um tom brincalhão. “Por causa disso, às vezes me pergunto se eu mesma poderia ser considerada talentosa! Ha ha ha!” A risada leve dela reverberou na minha pele.

“Em quê?”

“Hm? Ah, sabe... Deixar as garotas de—de bom humor.”

“É, o quê...?” Estranho lugar para tropeçar nas palavras.

Ela sempre estava tão arrumada, mas saiu pulando longe de mim como uma criança. Estivesse chegando ou indo embora, era sempre com um passo alegre.

“Ei, espera.”

“Sim?” Ela ficou na frente da minha irmã com os braços abertos, como se estivesse jogando na defesa. Então virou a cabeça para olhar para mim.

“...Eu sou feia?”

Só consigo imaginar a cara que eu devia estar fazendo ao perguntar isso. Olhei para o chão como se o fraco sol da manhã fosse forte demais para mim.

“Você, minha querida, é adorável,” ela declarou suavemente, com firmeza, sem um pingo de vergonha. As palavras pintaram minhas bochechas como o amanhecer. “Aposto que você é a terceira garota mais bonita da sua turma!”

“...Ah, uau.” Muito mais do que eu esperava, mas ainda baixo o suficiente para me manter humilde.

Essa mulher era a única pessoa que já tinha me chamado de bonita na minha cara. Até minha própria mãe, que tinha me visto mais do que qualquer outra pessoa, insistia que eu era feia. Mas se eu tivesse que escolher em quem acreditar, bem... obviamente, por mais que eu relutasse em admitir, seria nesta última. Será que isso significava que a Moça do Quimono estava mentindo? Depois de um momento de reflexão, percebi: não. Muito provavelmente as duas estavam certas — porque cada uma via um lado diferente de mim.

***

“Oneechan, me carregaaaa...”

“Meus braços doem.” Mas eu fiz isso mesmo assim.

No caminho para casa, carreguei minha irmã de volta pela ponte em espiral, lutando contra o sol rosado da manhã, suando frio. Agora eu tinha um motivo de

verdade para não levá-la lá embaixo. Da próxima vez, eu ficaria no parque do bairro. *Vou tomar banho o mais rápido possível*, decidi enquanto remexia no bolso procurando minha chave.

“Não conta pra mamãe sobre aquela garota mais velha, tá?” Avisei minha irmã suavemente antes de entrarmos em casa.

“Por quê?”

“…Porque ela é um segredo.”

Essa expressão foi algo que inventei na hora, mas, surpreendentemente, descrevia ela bem. Quando pressionei o dedo indicador nos meus lábios, os olhos da minha irmã brilharam. “Oooh.”

Aparentemente, eu a tinha convencido e graças a Deus por isso. Se ela deixasse escapar que eu estava encontrando uma mulher adulta estranha, as coisas só ficariam complicadas, e eu não estava disposta a perder tempo brigando com minha mãe mais do era costume.

“A gente pode brincar junto de novo algum dia?”

“Hmm, eu adoraria.” Eu não tinha certeza exatamente de quem estava incluído naquele “a gente”, então respondi de forma vaga.

A garota mais velha — a Moça do Quimono. Eu não sabia o nome dela, nem de onde ela vinha. Tudo que eu sabia era que ela era incrivelmente linda, tão macia quanto meu cobertor favorito, e cheirava tão fortemente a flores que alguém poderia confundir o padrão do quimono dela com flores de verdade. Ela estava tão longe de mim que era difícil acreditar que morava a um passo do meu mundo. Um olhar para ela e eu sentia como se tivesse visto uma borboleta rara e linda.

***

E, ainda assim, por algum motivo, eu não conseguia me forçar a voltar. Eu acordava cedo todas as manhãs, como se fosse pelo som de um despertador fantasma, mas quando via as pernas da minha irmã se mexendo debaixo do cobertor, não conseguia me levantar.

“Oneechan…?” chamou uma voz sonolenta.

“…Hoje estou muito cansada,” menti.

Fiz sinal para ela voltar para a cama, e ela lentamente voltou a dormir, como chantilly derretendo no calor. Eu a observei, então me virei e fechei os olhos. Mas, não importava para onde eu me mexesse, o lado fresco do cobertor rapidamente ficava quente.

Parecia que eu estava me afogando, e sempre que eu não conseguia dormir, era minha velha amiga que vinha à mente: Tarumi. No ensino fundamental, parecia que passaríamos o resto das nossas vidas juntas. Mas no ensino médio fomos colocadas em turmas diferentes, e depois disso, meio que… perdemos contato. Hoje em dia, eu poderia passar por ela no corredor e nem perceber.

Pode-se dizer que às vezes amizade é assim; o que antes era rotina, sem uma busca constante, rapidamente deixa de ser rotina. Pior, mesmo com essa busca, ela acabaria morrendo. Ultimamente eu tinha percebido que simplesmente não podia fazer nada a respeito disso.

Isso incluía o Gon, o cachorro que morava na casa dos meus avós no campo. Recentemente eu tinha percebido que ele estava ficando visivelmente mais fraco; sua energia havia diminuído tanto com a idade que ele não conseguia mais acompanhar o meu ritmo. E desde então, eu me sentia estressada, irritada, emocionalmente instável. Meu estômago doía como se estivesse chorando sem parar.

Isso, por sua vez, me lembrou de outra coisa: um cachorro que um dia morou numa casa no caminho que eu fazia para a escola. Sempre que um grupo grande de crianças passava, aquele cachorro saía e ficava sentado no quintal da frente. Todas as crianças o cumprimentavam, e naturalmente, eu era uma delas. Mas um dia ele mudou para outra casa — havia um cartaz na frente, escrito do ponto de vista do cachorro, com uma foto dele, agradecendo por termos sido vizinhos tão legais. Na época eu fiquei apenas um pouco desapontada, mas agora eu entendia a verdade.

Então, para onde o Gon “se mudaria”? Eu não conseguia encontrar a resposta.

Por trás das minhas pálpebras, estrelas cadentes riscavam o céu em trilhas brancas. E enquanto eu as via desaparecer, senti minha consciência afundar.

Ah, então eu só estou fugindo dos meus medos, pensei. *História da minha vida*.

***

Pensar apenas no futuro me deixaria presa no lugar, então me forcei a olhar para o presente.

Minha irmã estava dormindo como devia — prova de que ela era uma boa menina. Eu a observei por um longo momento, me perguntando o quão profundo era o sono dela. Quando ouvi seu ronco, tomei isso como um sinal para sair debaixo do meu fino cobertor de verão.

Brincar lá fora com minha irmã exigia muita energia emocional; eu conseguia aguentar de vez em quando, mas não todos os dias. Cuidando para não acordá-la, saí em direção ao corredor. Ao passar pelo quarto dos meus pais, me perguntei se minha mãe estava acordada. Então cheguei à porta da frente, onde calcei meus sapatos.

Olhando para trás, percebi que nunca tinha me dado ao trabalho de escovar meu cabelo antes de sair de casa, e só agora sentia um leve constrangimento por isso.

A última vez que fui à ponte em espiral foi há cinco dias, com minha irmã junto. Cinco dias são suficientes para que sua melhor amiga se tornasse alguma garota qualquer de outra turma. Da mesma forma, talvez a Moça do Quimono tenha parado de aparecer. “Não que eu me importe,” murmurei para mim mesma enquanto corria em direção ao meu destino, com a bola de basquete na mão. Eu não tinha feito nenhum aquecimento, então até uma corrida leve era

suficiente para aumentar minha temperatura corporal. O sono se dissipou como névoa.

Essa talvez fosse a primeira vez que eu corria descendo a ponte em espiral. À medida que aumentava a velocidade, os prédios desapareciam atrás dos muros de concreto. A temperatura devia estar mais baixa que o normal, porque nenhum calor sufocante ameaçava me envolver. E com o corpo leve, eu podia me iludir pensando que minha vida estava indo bem.

No fim da ponte, passei a trotar até a quadra de basquete. Lá, parei, ofegante. Um olhar bastou para perceber que não havia mais ninguém ali — *ótimo*. Quiquei a bola. Então, atrasada, lembrei de me alongar.

Com os braços esticados à minha frente, meus cotovelos fizeram um estalo agradável, e um gemido escapou dos meus lábios. Depois, comecei a girar os ombros.

Se não tinha ninguém aqui, por que eu vim? Para treinar, obviamente. Esse era meu plano desde o começo. Aí conheci uma mulher estranha que complicou tudo, mas agora a vida estava voltando ao normal. Nada mais, nada menos.

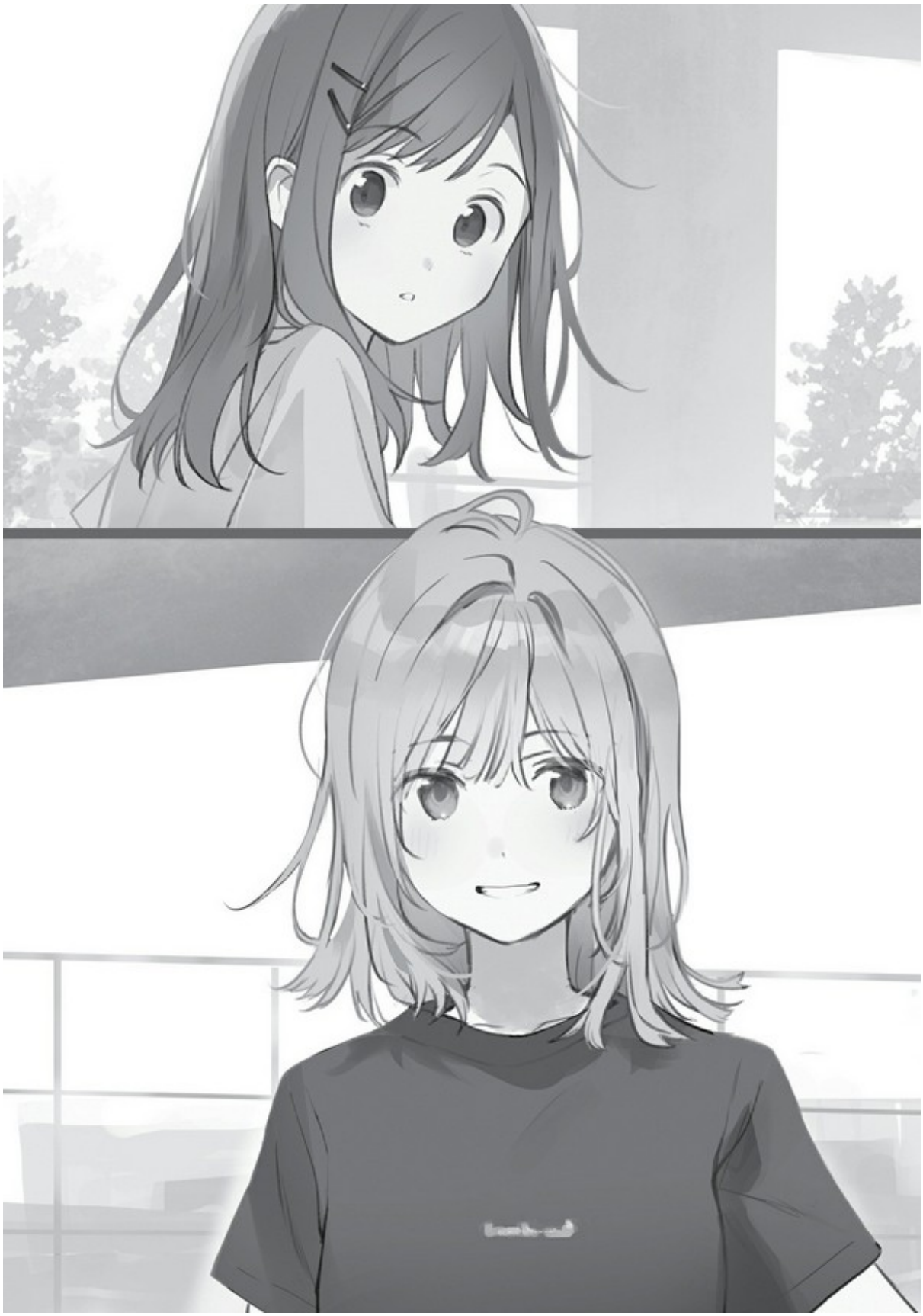
“Ah!”

A voz súbita me fez olhar para trás. Mas eu não precisava ver quem era para saber que não era ela.

“…Senpai…?”

“Ora, ora, se não é minha kouhai!”

Era uma garota mais velha que costumava estar no time de basquete, agora no ensino médio. Ela usava uma camiseta simples e sandálias, sugerindo que estava apenas passeando pela manhã; quando me viu, veio caminhando devagar até mim. Eu não lembrava quando tinha falado com ela pela última vez. Será que me dei ao trabalho de me despedir no dia em que ela saiu do time?



“…Desculpa, você estava esperando por outra pessoa?”

“O quê? Não.”

Eu? Decepcionada? Nem pensar.

Embora suas roupas não fossem nada de especial, seu cabelo loiro natural era exótico e lindo. Na nossa escola, ela não conseguia dar um passo sem atrair atenção. Isso tornava as partidas de basquete ainda mais difíceis para ela.

“Você saiu do time, né? Estou impressionada que você ainda pratica,” ela comentou.

“É só uma forma de passar o tempo.”

“Você não deveria estar usando esse tempo pra estudar pro vestibular do ensino médio?”

“Eu me viro.” Notei que ela não perguntou como foi o torneio final. Talvez ela tenha lido nas entrelinhas. “E você, Senpai?”

A recém-chegada ao ensino médio olhou para a cesta e depois balançou a cabeça lentamente. “Hoje em dia não faço nada. Nada de esporte, nada de grupo de estudo... só na vibe.”

“Hm.”

Sua pele pálida, junto com o cabelo claro, realçava ainda mais sua aura frágil. Diferente de mim, ela podia facilmente estar em primeiro ou segundo lugar em questão de beleza, e as pessoas ficavam anormalmente fixadas nela. Mas ela sempre parecia ocupada, porque nunca socializava mais do que o estritamente necessário... e hoje, senti essa mesma energia nela.

Era um lembrete: quando as pessoas saem da sua vida, não deixam vestígios. Mas mesmo na rara chance de se reencontrarem, isso terminaria em constrangimento. Muito provavelmente, era exatamente isso que aconteceria se eu visse a Tarumi de novo.

Quando a conversa acabou, Senpai entendeu a indireta e se despediu. “Até mais.”

“Viva bem.” Não percebi o quão insensível soou até depois de dizer, mas ela se virou e foi embora sem se ofender.

Pensando bem, o nível de amizade dela combinava perfeitamente comigo. De todos os alunos mais velhos, ela era com quem eu mais tinha falado; nenhuma de nós duas era muito amigável, mas talvez fosse isso que tornava tudo mais fácil. Ela sempre reclamava comigo de todas as tarefas que tinha que fazer depois do treino, e eu sentia uma pena vaga dela, sem me envolver emocionalmente. A vida dela parecia complicada.

Provavelmente nunca mais a verei, pensei. Mesmo morando na mesma cidade, de algum jeito era assim com todos os meus ex-amigos. Estranho, já que a gente poderia pensar que ainda frequentávamos os mesmos lugares. Se eu tivesse que apostar, era prova de que tinha mais gente morando nessa cidadezinha do que eu conseguia imaginar.

Rodando a bola de basquete nas mãos, comecei a voltar para a quadra para continuar meu treino. Foi então que eu dei um pulo e me virei rápido. Uma

figura sombria espiava de trás de uma viga da ponte, olhando na minha direção… e mesmo de longe, reconheci aqueles olhos verdes-oliva. Olhei para ela; ela me olhou. Silêncio.

“…Uh, oi?”

Como ela não se mexeu para sair de trás da viga, pensei se deveria ir até lá. Experimentalmente, fiz um gesto chamando ela; só então ela resolveu se mexer, como se estivesse esperando um convite formal. Hoje, em vez do quimono em camadas, ela usava um *yukata* fino. Por isso, parecia se mover com ainda mais leveza do que o normal.

“Bom dia!”

“…Bom dia. Por que você tava se escondendo?”

“Mmm, nenhum motivo real. Só estava me divertindo espionando.”

“Uhhh… tá bom.” Parecia que essa mulher conseguia encontrar diversão em qualquer situação. *Quem é você, minha mãe?*

“Quando cheguei, vi você lá toda distraída, então pensei em ver quanto tempo você levaria pra me notar. Acontece que não demorou muito.”

“…Eu só pensei que tava sentindo alguém me observando, só isso.” Não queria que ela pensasse que eu estava ativamente procurando por ela ou algo assim.

Evidentemente, ela não tinha me visto falando com a Senpai, porque do contrário ela estaria nas nuvens por conhecer uma garota do ensino médio… Fora de contexto, ela realmente soava como uma predadora, né?

“Cadê sua irmãzinha? Que pena.”

Ela olhou para o meu peito como se estivesse procurando minha irmã. *Você não tem olhos?* Ri. “Você gosta mesmo dela, né?” Da mesma forma, minha irmã tinha se aberto bastante com ela, considerando tudo.

“Não é que eu goste dela, exatamente. Mas eu gosto de ver você sendo tão doce com ela.”

Do nada, as palavras dela se tornaram suaves como seda, e isso me pegou desprevenida. Não que eu me importasse que ela dissesse que gostava de mim.

“Percebi que você não tem aparecido ultimamente. Tem dormido até tarde?”

“…Não é como se a gente tivesse combinado de se encontrar ou algo assim.”

“Isso é verdade,” ela respondeu, com uma voz perfeitamente calma e suave. “Pra falar a verdade, terminei meus assuntos faz dois dias, mas eu realmente queria me despedir, então tenho ficado por aqui toda manhã.”

De algum jeito, parecia que ela colocava um significado oculto em cada palavra que dizia. “Despedir…?” murmurei enquanto digeria a informação. “Então você não vai voltar?”

“Isso. Pelo menos não por um bom tempo.”

“…Hum.”

“Vai sentir minha falta?”

“Não.” Mas era meio forçado insistir que ainda éramos estranhas.

“Enfim, eu estava pensando que a gente podia conversar um pouco.”

“Claro, acho que sim…”

A Moça do Quimono caminhou até o banco e se sentou sem pensar duas vezes. Ela fez um gesto para eu me juntar, mas a sujeira visível me manteve afastada.

“O que, você não quer se sujar? Então senta no meu colo.”

Ela abriu os braços bem largos, sorrindo de orelha a orelha, enquanto balançava os joelhos de forma convidativa. Ela queria que eu… uma estudante do ensino fundamental… sentasse no colo de uma mulher adulta? Talvez se fosse minha irmã, mas… Como eu ia me equilibrar ali?

Independente da logística, eu sabia que ela só estava brincando, então decidi ver o que aconteceria se eu chegasse perto. O sorriso dela permaneceu tão largo quanto os braços. Parei bem na frente dela. Ainda sorrindo. Me virei e dobrei um pouco os joelhos—

“Não, você tem que recusar!”

“Você que ofereceu.”

“Quer dizer, sim, mas…”

Ainda assim, o sorriso dela permaneceu firme, e sua beleza oscilante inspirava tanto cuidado quanto conforto. A expressão dela era tão perfeita que qualquer um se perguntaria se deveria entrar na brincadeira ou não. Nem eu tinha certeza se entendia tudo direito. Mas uma coisa era certa: eu me sentia estranha apontando minha bunda para ela. Ainda assim, teria que superar muito para realmente sentar no colo dela. Eu não estava acostumada a contato físico com pessoas que não eram da minha família.

“Ah, os mistérios do corpo humano…”

“O quê?”

“Eu olho para sua bunda de ensino fundamental e não sinto nada! Como é que o cérebro categoriza essas coisas, afinal?”

“Como eu vou saber?!”

“Se você estivesse no ensino médio, meus olhos estariam grudados em você. Mas por enquanto, tenho compostura para aproveitar o momento.”

Espera aí… Ela é uma perdedora completa? Fora a boa aparência e simpatia, eu não via nenhuma outra qualidade. Talvez isso fosse o suficiente para ela.

“Suas pernas não estão cansadas de ficar sentada naquela cadeira imaginária?”

“Claro que estão.” Eu devia estar tensionando os músculos do pescoço, porque a parte de trás do meu crânio parecia ter sido lixada.

“E ainda assim você escolhe a dor. Será que é uma heroína de uma tragédia, talvez?”

“Isso foi sarcasmo?”

“Sim.”

“…Ninguém nunca respondeu ‘sim’ para isso antes…”

Por alguma razão, a resposta dela entrou em mim na temperatura perfeita — como lavar o rosto com água fresca direto da fonte. Finalmente, cedi e sentei ao lado dela no banco. A essa altura, eu já não me importava se minhas roupas iriam sujar. Decidi que era para isso que serviam: para proteger o corpo dos germes.

Quando me sentei, o banco rangeu sob meu peso. *Fique em silêncio.* Também não era exatamente confortável. Não muito diferente de sentar no chão, se eu tivesse que chutar.

“Bem-vinda.”

“O que é isso, sua casa?” Soltei uma risadinha estranha.

Era a maior proximidade que já tínhamos tido. O sorriso dela brilhava a poucos centímetros. E seja por causa do *yukata* ou da visão de perto, não sei ao certo, mas... havia algo que notei pela primeira vez:

Os seios dela eram grandes.

Não que isso fosse relevante de algum jeito, mas... uma vez que percebi, não consegui evitar que meu olhar fosse e voltasse.

“Aha! Você está olhando para os meus seios!”

“Como assim?!” Ela estava completamente certa, claro, e enquanto eu me fazia de desentendida, minha visão ficou completamente em branco.

“A puberdade faz isso com a gente. Mas, por outro lado, eu ainda gosto deles, e minha puberdade acabou há séculos.”

“Eu não... entendo o que você tá dizendo...”

Meu desespero estava tão óbvio que eu queria me esganar. A Moça do Quimono entendeu isso como um sinal para estufar os peitos e dar um tapa neles. “Sem querer estragar a diversão dos seios, mas tem outra coisa igualmente importante que precisamos falar.”

“Tá querendo dizer que seios são importantes...?”

“Você parece estar sofrendo perpetuamente,” ela continuou, no mesmo tom — e eu senti dedos invisíveis atravessarem meu peito. “Perpetuamente irritada” era algo que eu já tinha ouvido, mas ninguém jamais tinha sugerido que eu estava com dor. Até agora.

“Eu pareço estar sofrendo pra você?”

“Muito, receio.”

Assim, do nada, ela identificou o desconforto que corroía meu coração. Será que eu realmente estava sofrendo? Por quê? O que era tão doloroso? O que me deixava infeliz?

Aquilo que eu escondia, que fingia não ver — de algum jeito, o sorriso de uma estranha foi suficiente para iluminar isso. Me inclinei para frente, apoiei o queixo na mão e fechei os olhos. Talvez fosse essa postura que finalmente tenha ajudado o bloqueio a se soltar.

“Tem um cachorro que mora no interior... Ele não tá bem.” Por causa disso, eu estava triste, miserável, estressada, e odiava cada minuto disso. “Então acho que isso me deixou meio... deprimida ou algo assim.”

A resposta para minha frustração estava bem na minha frente — eu só precisava estar disposta a enxergá-la. Mas eu tinha medo. Medo do que o passar do tempo iria tirar de mim em seguida. Medo de um mundo onde alguém morresse toda vez que eu fechasse os olhos.

“Entendo,” ela respondeu secamente.

Sem surpresa. Obviamente ela não teria muito a dizer sobre o cachorro de uma criança qualquer. Mas então, suas mãos agarraram minha cabeça, e ela me puxou para perto, como se fosse algo que ela já tivesse feito mil vezes.

Quantas outras pessoas ela teria submetido a isso antes de mim? E quantas mais viriam depois? Enquanto pensava nisso, enterrei meu rosto no peito dela.

Parecia que eu estava deitada num campo de flores.

Apoiar-se em alguém era reconfortante e quente, mas também meio estranho. Eu não estava acostumada, e me sentia inquieta. Mas meu corpo cedeu à gravidade e se recusava a se mover. Embora eu não estivesse chorando, não conseguia levantar o olhar para ela.

“Não é fácil, mas... sugiro que você dê espaço para essa dor,” disse a pessoa do outro lado do campo de flores. “É melhor não fugir das suas emoções.”

Pela primeira vez, ouvi um traço de complexidade na voz dela. “SMas eram conceitos adultos, que eu ainda não conseguia compreender. Depois de um tempo incontável sendo segurada como uma bola de basquete...

e sente melhor?”

“...Sim.” Normalmente, eu teria feito birra, mas agora, não queria me mexer. Parecia um desperdício enorme pisar nas flores.

“Se ao menos você não estivesse no ensino fundamental agora... Que azar.”

“...Cala a boca.” Se eu estivesse no ensino médio, o que ela teria feito? E eu teria conseguido rir disso?

“Você está se sentindo melhor agora?” ela repetiu.

“Tô ótima,” respondi, mais firme dessa vez. E como se fosse a deixa, ela soltou minha cabeça.

“Então, vamos competir.”

“O quê?”

“Lembra? Eu disse que queria competir com você depois de praticar um pouco.”

Ela se levantou, e eu a segui, me afastando do banco enquanto limpava a calça. Será que ela veio aqui hoje só para fechar os assuntos pendentes? Que diligente.

“Vamos fazer aquela coisa em que o perdedor tem que fazer o que o vencedor mandar.”

“O quê?” Não tínhamos esse tipo de relação, e, pra ser honesta, dar a ela esse poder era como entregar meu coração vivo em suas mãos.

“Claro, como eu já disse antes, não tenho interesse em estudantes do ensino fundamental, então não quero nada de você.”

Então por que ela havia começado uma conversa comigo? Seria só para passar o tempo ou parte disso era mentira? Tanta coisa estava escondida por trás daquele jeito amigável.

“Espera, você acha que vai ganhar?” Eu ri.

Mas ela simplesmente sorriu — a resposta mais madura que ela já me deu. “Você pode começar,” ofereceu, como se só quisesse me ver marcar pontos.

Sob sua orientação, dei um passo à frente, quicando a bola duas ou três vezes para acertar o ritmo. Depois, assumi a posição, segurando-a na frente do rosto, sentindo o peso agradável nos pulsos. Expirei, depois inspirei, apreciando o oxigênio correndo pelas minhas veias. Ao mesmo tempo, o perfume das flores permeava cada centímetro do meu corpo.

A moça das flores.

Enquanto meu coração começava a disparar, juntei minhas forças. Depois de meses e meses de prática diária, eu tinha construído, lenta mas seguramente, uma base para me aproximar da cesta, mas no fim nunca cheguei a usá-la. Mas agora? Agora eu estava no meu auge.

A bola e eu pulamos como uma só, sem medo, saltando para o infinito e além. O monte de pedras sob meus pés desmoronou silenciosamente enquanto meus pés cortavam o ar vazio. Meus olhos viam apenas a bola e seu arco perfeito, traçando seu caminho pelo céu nublado ainda escuro demais para o amanhecer.

Algo correu pelos meus braços que fez meus cotovelos formigarem: uma descarga de pura euforia.

“Parece que você ganhou.”

Quando pisei no chão, fui recebida por comemorações. Ela sorria como se estivesse satisfeita apenas por me ver fazer a cesta. Como se atraída pelas flores, me aproximei. Mas, como tutora, era meu dever ensiná-la que ainda era cedo para se acomodar.

“Aqui.”

Ofereci a ela a bola que eu tinha acabado de pegar. Pensando no meu tempo no time de basquete do ensino fundamental, passar a bola sempre foi algo com que eu tive dificuldades — e, ainda assim, de algum jeito consegui na primeira tentativa.

“Já que você já praticou tanto, pode tentar.” Como eu fiz. “Se acertar, a vitória é sua.”

Por que eu disse isso, você pergunta? A única explicação é que simplesmente me deu vontade. Talvez eu estivesse de bom humor agora que todos aqueles meses de esforço finalmente tinham dado resultado.

“Tem certeza?”

Assenti. “E se ganhar, eu faço o que você mandar.”

“Hmmm...” Os olhos dela vagaram. “Queria poder dizer que soa tentador, mas... não sinto nada.”

“Por quê?”

“Em vez de alguém se oferecer para fazer o que eu quero, prefiro obrigá-lo a fazer.”

“Como assim?!”

A revelação da expressão malvada dela naquele momento me arrepiou a espinha. Rindo, me endireitei tão rígida que parecia que minha coluna ia atravessar minha pele. Minhas suspeitas estavam confirmadas: ela era assustadora.

E então a mulher assustadora deu um passo à frente e assumiu sua posição, segurando a bola em um ângulo baixo. Com sua postura excelente, ela parecia uma ilustração de cartão-postal da nossa cidade. Observei-a atentamente, não rezando pela vitória nem pela derrota dela, mas ainda assim rezando.

O salto dela foi perfeitamente alinhado com tudo que eu tinha ensinado. Suavemente, ela arremessou a bola. Ela traçou um arco preguiçoso, porém firme, cortando o ar em direção à cesta.

CLANG — um barulho alto e feroz, como o movimento de um punho erguido em protesto. Infelizmente, era o som do fracasso.

Enquanto assistia a bola quicar para trás, a Moça do Quimono sorriu. “Aceito minha derrota, mas se você não se importar, posso continuar tentando até acertar?”

“Vai em frente.”

A mulher adulta foi atrás da bola como se fosse uma garotinha. Ela errou mais quatro arremessos, mas no quinto, a cesta cedeu. “Sensei, eu gosto quando a bola entra!” minha aluna relatou feliz.

A forma dela estava toda errada, ela havia esquecido praticamente tudo que eu tinha mostrado, e arremessava a bola como se nem estivesse tentando… mas o sorriso dela era como fogos de artifício, a testa brilhava de suor, e ela cheirava a um buquê de rosas. Decidi não reclamar e deixar de lado. “Você passou.”

Quando ela devolveu a bola, sorria de coração aberto, como se minha expressão impassível não significasse nada diante da alegria dela. “Bem, você ainda ganhou. Algum pedido?”

Assim como ela não queria nada de mim, eu também não tinha nada para pedir a ela. Não havia desejo entre nós, mas algum tipo de curiosidade nos trouxe de volta… e era um relacionamento que eu até gostava.

“Então, hum… se você tiver uma irmãzinha, quero que seja gentil com ela… ou algo assim.”

“…O quê?”

“Carregar ela, correr com ela… Acredite ou não, é trabalho duro.” E já passou da hora de você fazer isso! Enquanto pensava na maneira como ela se sentava e nos observava da arquibancada, fiquei um pouco irritada retrospectivamente. “Ah, e o mesmo vale se for um irmãozinho,” acrescentei rapidamente quando essa possibilidade me ocorreu.

Se algo não estivesse presente no meu dia a dia, eu geralmente esquecia que existia. E como era quase impossível mudar o jeito que meu cérebro funcionava, minha única opção era garantir que minha vida estivesse cheia de tudo o que eu queria lembrar. Em algum momento — mais cedo ou mais tarde — ela também desapareceria da minha mente. Então, olhei para ela enquanto ainda podia, valorizando nossos momentos finais, mesmo que só um pouquinho.

“Tá bom. Eu prometo que vou,” ela cedeu sem discutir ou hesitar.

Seu sorriso não era mera aparência, tampouco algo forçado; ela apenas expressava o que sentia de verdade. E como eu podia saber disso? Bem... provavelmente eu também estava assim.

“De qualquer forma, se você não tiver uma namorada da próxima vez que eu te vir, a gente devia sair. Até mais!”

De todas as coisas para encerrar a conversa. “Namorada?” *Não namorado?* Foi um salto tão grande na lógica que não consegui evitar rir.

No fim, ela e eu nem nos apresentamos — mas nossa breve conexão nunca precisou disso.

Eu quiquei a bola, corri pela quadra como se estivesse dando voltas, arremessei, e quando inevitavelmente errei, peguei a bola com dedicação mais uma vez. *Tap, tap, tap.* Eu não tinha pulado, mas ainda conseguia ouvir o ritmo pelas solas dos meus pés.

"…Ha ha…"

Sozinha, risadinhas bobas escapavam da minha boca como pedrinhas. Tudo da cintura para cima parecia tão leve. Todo o estresse que me prendia a cabeça tinha ido embora agora… e eu estava pronta para seguir em frente.

Olhei para o sol da manhã, que lavava silenciosamente a cidade como a maré. Seu brilho laranja era mais fraco que o do pôr do sol, preenchendo as lacunas entre os prédios. Nuvens finas pareciam arranhões, com nuvens de tempestade inchadas se elevando em colunas logo além. O ocasional zumbido de um carro traçava uma espiral pela estrada. E, estranhamente, o cheiro na brisa morna era suficiente para me fazer sorrir.

Fazia uma eternidade que eu não via o amanhecer pelo que ele realmente era. Finalmente, entendi: seja acordando como um passarinho madrugador ou distraída como uma coruja noturna, o dia começaria e eventualmente terminaria. Com a mente mais aberta, meu coração parou de disparar pela primeira vez. Deixei a onda dos raios matinais me envolver sem nem me preocupar em limpar o suor.

Eu não sabia explicar, mas… a vida voltou a parecer divertida, e isso tirou um peso dos meus ombros. Ou talvez fosse só isso mesmo, simples assim.

O quique da bola era tão bom. Girando o pulso, dei um efeito nela. Eu estava brincando como uma criança, mas, ei, não era tão ruim assim. É… até que estava gostoso.

Ela era impossível de decifrar, mas algo nela parecia genuíno lá no fundo. Sua risada era clara, porém com um leve toque de frieza. E os sentimentos misteriosos que envolviam meu coração silenciosamente me conduziram para o melhor estado de espírito possível. Era um conflito de sensações — uma emoção pacífica, como estourar bolhas que sobem à superfície.

Quanto à resposta desse mistério…

Por acaso… isso não seria… meu primeiro amor…?

"Ah, claro."

Enquanto brincava comigo mesma, bati a bola no chão com força mais uma vez. Quando ela quicou de volta, estendi a mão… e ao longe, vi uma garota descendo a ponte de bicicleta com um olhar entediado. Sem sequer olhar para trás, ela se foi de novo — nada mais que uma passageira. Mas, por alguma razão, enquanto caminhava para casa naquele dia, me peguei pensando na trilha de cabelos escuros que ela deixava para trás.